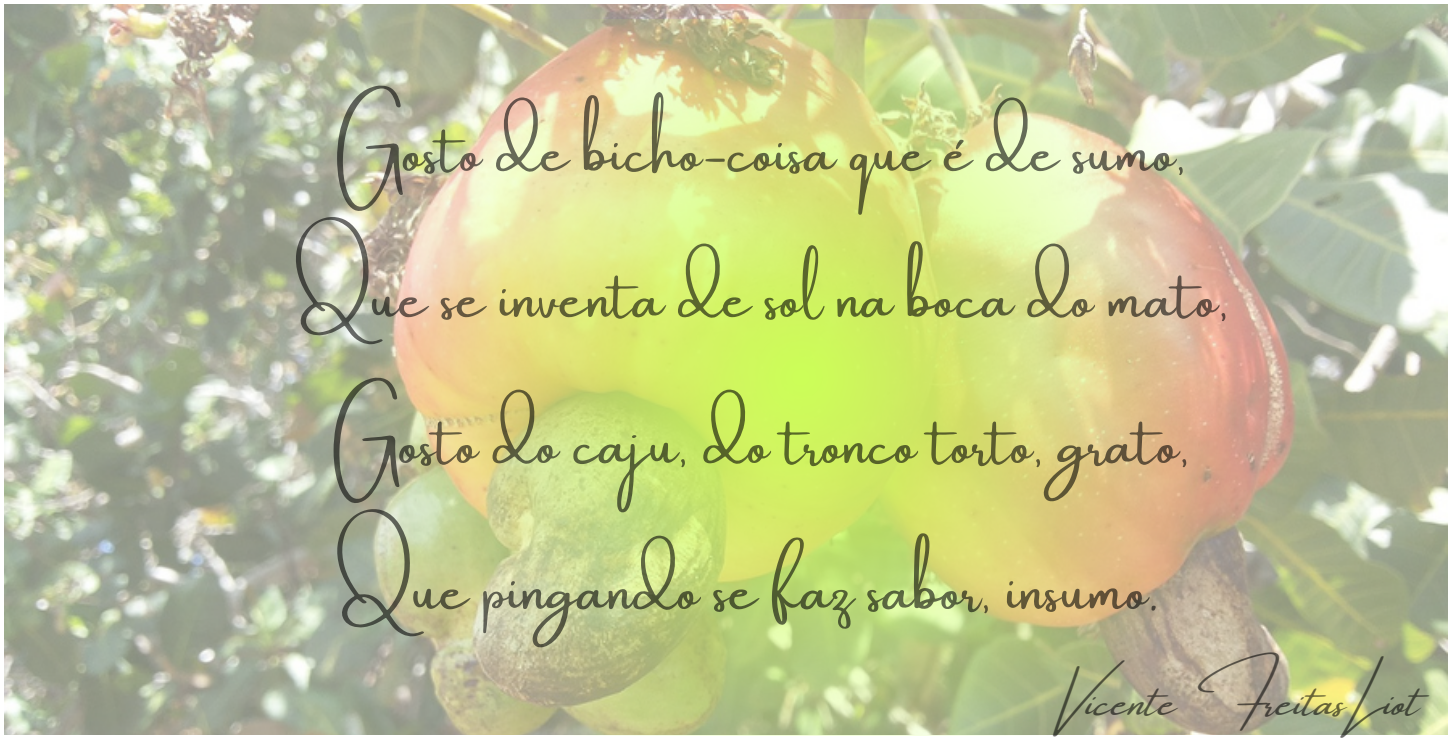
VOL. 01

01 AGOSTO, 2025

JORNAL O CAJU

JORNAL LITERÁRIO CIENTÍFICO E CULTURAL


Gosto de bicho-coisa que é de sumo,
Que se inventa de sol na boca do mato,
Gosto do caju, do tronco torto, grato,
Que pingando se faz sabor, insumo.
Vicente Freitas Liot

Esta é a primeira edição do jornal bimestral, O Caju.

Por que escolhemos o nome O Caju?

A escolha do nome O Caju para o nosso jornal literário não é apenas uma homenagem ao fruto que se destaca nos pomares da nossa terra — é também um símbolo da nossa identidade, da nossa história e da nossa criatividade.

Bela Cruz, nossa querida cidade, tem na cultura do caju, um dos pilares da sua economia e da sua tradição.

As extensas plantações de cajueiros que desenham o nosso município não apenas sustentam muitas famílias, mas também marcam o nosso modo de viver, nossas paisagens e nossas memórias afetivas.

O Caju representa também a força, a resistência e a beleza da cultura nordestina — que, como o cajueiro, enfrenta o sol forte e ainda assim floresce com intensidade. Nosso jornal quer ser esse espaço de voz, de cor e de sabor literário. E é sob as sombras desses cajueiros que muitas histórias nascem e ganham vida e serão contadas e cantadas nesse jornal.

SONETO AO CAJU

No áspero chão se firma o galho torto,
Arquitetura seca de sol duro.
Do tronco exato escorre o sumo puro,
Boca do agreste em doce desconforto.

Fruto que mente a si, polpa e couraça,
Na casca crua armazena um contrato:
Na mão do homem se faz lucro exato,
No roçado aberto, a safra se traça.

Bruto de cor, na feira vira renda,
O cheiro invade a rua, a venda, a roça:
Gota que pinga o esforço na moenda.

Da caatinga arranca a festa grossa:
Castanha, cajuína, a fábrica, a prenda
Trabalho que o sertão sorve e reforça.

Vicente Freitas Liot

Fala o Descastanhador com a crônica - “O ENFORCADO”

Abri a porta. “Meu Deus, sr. Joaquim!”

Correu a notícia pelo povoado.

O povo ficou incrédulo. Uns diziam: ‘Está no inferno.’ Outros, silenciavam.

“Ah, o sr. Joaquim era um homem tão bom!” “Que tragédia!” – noticiavam nos bares.

“Sim, o sr. Joaquim era um homem generoso. Quem suspeitaria que tiraria a própria vida?” – Comentavam no salão de cabeleireiro que ele religiosamente ia para aparar-se.

“Era um homem de fina educação e aparência irrepreensível – cabelos minuciosamente penteados e barba trabalhada” – emendava o barbeiro.

Ah, lembro” – contou-me um de seus mais antigos e zelosos empregados – “que o sr. Joaquim sempre ía nas noites de Natal e de Páscoa nas ruas mais carentes daquele povoado, e levava mantimentos para as famílias mais desprovidas daquela cidade”.

“Ainda” – relatou-me um menino – “sr. Joaquim sempre trazia brinquedos e guloseimas deliciosas!

Um comerciante provocava: “sr. Joaquim, que homem malandro! Sabia que sempre era fingido!

Deve estar queimando no fogo do inferno!”

“Era um homem devoto!” – frisa uma irmã, sra. Henriqueta.

“Ah, meu filho, lembro que quando cheguei a este povoado... fui logo acolhida por ele. Um homem de Deus, sim, mas também de boas relações. Sempre ajudou nossa missão — e nunca deixou de aparecer nas missas de domingo!”

“Henriqueta, para de rezar por ele! Tu sabe o que ele fez! Esse aí... foi tarde! Fingido, safado!” - gritou um bêbado caído na calçada.

Além disso, lembro-me de que, no seu velório, lá estavam apenas sua esposa, seus filhos e meia dúzia de familiares.

Pensava comigo: ninguém percebeu sua dor?

Contemplava sua face marcada pela mortalidade, mas permanecia paralisado diante dele. Não conseguia pronunciar aquele nome tão afetuoso comum aos laços da filiação.

A esposa chorava amargamente e os seus filhos – com os quais já dialoguei brevemente em outras ocasiões, e cujas reputações eram das mais honrosas – perguntavam-se as razões pelas quais o pai havia praticado aquele ato.

Quando me aproximei deles, a matriarca levantou-se rapidamente, agradeceu-me os pêsames, e sentou-se mais perto de outros familiares.

Tudo me parecia envolto em névoa, mas ainda assim arrisquei: “Nosso pai está no Céu!” – palavras que eu mesmo não sabia se acreditava – ditas apenas para confortar agora tão pobre família!

Permaneci até ao sepultamento. Onde estavam seus amigos mais próximos? Onde estavam aquelas pessoas pelas quais tanto bem fez em vida? Nem seus empregados compareceram. Ah, pobre homem!

Quando chegamos ao sepulcro, percebi que a esposa antecipou-se a preparar todos os detalhes. O túmulo estava bem cuidado e recém-construído.

Preocupou-se também a sra. Helena em gravar na pedra um retrato de seu esposo, aquele no qual o homem exibia seu garboso sorriso.

Naquele dia, mal dormi à noite. Sua morte incomodava-me deveras. Meses e meses assim sofri com este luto.

Tempos depois, visitei a antiga empresa da família. Ainda funcionava... seus filhos encarregaram-se de proceder ao legado do pai; são tão generosos quanto o patriarca. Não se cansam de ajudar à Igreja e à prefeitura. Na praça central, o coreto enferrujado ainda guardava os ecos das festas que ele patrocinava. O cheiro de ferrugem e jasmim, que sempre pairava nas noites de dezembro, parecia ter desaparecido com ele.

Hoje ninguém pronuncia seu nome na cidade. Quando alguém menciona seu nome, desvia-se para futebol ou política.

Enfim, hoje fui ao cemitério. Sempre costumo visitar, quando retorno à minha cidade natal, os túmulos de meus parentes mais próximos. Lembro-me de outras épocas, tão felizes e tão despreocupadas!

Lembro, também, que, quando criança, recebi uma guloseima do sr. Joaquim. Tempos curtos, derretidos no amargor dos dias. Doces e amargos — como toda lembrança que dói.

Faz cinco anos que o sr. Joaquim desceu àquela terra sem retorno. Ninguém ainda sabe o porquê.

A despeito disso, proferi algo que, em toda sua vida, jamais consegui dizer. Meu coração não mais hesitou. Bradei: “Viva sr. Joaquim! Viva, meu papai!”

Autor: Jonas Freitas (O descastanhador)

Cordel
A chegada de Totonho no Céu!

I
Vou contar pra vosmicês
Nesta noite de lindo céu
Um sonho estranho que tive
E decidi por num cordel.
Sonhei com Carlos Antônio
Nosso queridoTotonho
Feliz, chegando no céu!

II
São Pedro na porta estava
Velhinho, chave na mão
Ao vê-lo sorriu e disse:
- Vosmicê por aqui, irmão?
O que sucedeu lá embaixo
Não diga que foi despacho,
Me conte tudo então.

III
Totonho com voz serena
Respondeu logo: - Foi nada!
Foi obra de um vírus
Da covid desgramada
Que matou ricos e pobres,
Levou humildes e nobres
Oh moléstia desalmada!

IV
Ela chegou de repente
Acho que descuido meu
Fiquei fraco decadente
E assim aconteceu
Quando fui ao hospital
A gravidade era tal
Que a morte me acometeu.

V
Mas antes de vir pra cá
Eu lutei por vários dias
Recebia as orações
Dos amigos, da família
Rezava por mim também
Quem muito me queria bem
E gente que eu não conhecia.

VI
Mas São Pedro interrompeu
Pra conduzir a conversa:
As lembranças se acabam
Quem vem pra cá não regressa
Mas conhece a Verdade
Pra abraçar a eternidade
Vida Nova aqui começa.

VII
De repente imensa luz
Brilhou quando a porta abriu E uma voz serena e calma
No ambiente se ouviu:
Bem-vindo, filho querido
Ao céu será recolhido!
E nisso Totoin sumiu.

Autora: Benedita Vangésia

BELA CRUZ

A 23 do segundo mês do ano 57
As bençãos de Deus nos deste
Uma alegria sem par
Vai Bela Cruz se tornar
Uma cidade liberta
É recebida com festa
Por todos deste lugar

Tem muitos filhos queridos
De nossa mente não sai
Genoveva foi a primeira
Dos tempos iniciais
Juntando mais um punhado
Que se tornaram imortais

Agora com passos firmes
Vamos poder caminhar
Escolher entre seus filhos
Um prefeito pro lugar
Mário foi o escolhido
Para o processo inicia

Dos seus filhos escolhidos
Não podemos esquecer
Geralda Lopes e Ambrósio
Joca Lopes e Tiberê
Gabriel Assis e Chiquinha do Bento
Me desculpe dona Neuma
Quase esqueço de você

Na parte religiosa
Não podemos esquecer
Padre Odécio o pioneiro
Fez tudo por merecer
Se somos um povo católico
Devemos tudo a você

Para seguirmos em frente
Precisamos aprender
O povo analfabeto
Tem que ler e escrever
Inicia-se o processo
Para o problema prover

No ano 66 no segundo mês do ano
Expedito fez o plano
Para a escola iniciar
Ao governo foi buscar
Recurso para essa parte
E assim se iniciou
A Escola Paulo Sarasate

Mais de meio século de história
Vai firme a todo vapor
Formando médico e doutor
É linda a sua trajetória
São Paulo em sua glória
Te abençoa eternamente

VAMOS DE POESIA

Está pequena semente
Que se tornou-se tão forte
Pequena estrela do Norte
Educando toda gente

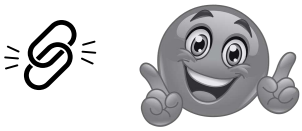
Quero parabenizar
Toda sua direção
Os professores que lutam
Pra transformar a nação
Pois sabem que sem estudo
Não existe profissão.

Autor: Gilvan Marques

Entrevista com o escritor Dimas Carvalho

O nosso presidente Marcos Guiton Carvalho, entrevistou o grande escritor Dimas Carvalho, onde aqui transcrevemos breves trechos da entrevista, mas para vê-la na íntegra, acesse o link abaixo.
Você vai se encantar com tão sábias palavras.

https://drive.google.com/drive/folders/161sU22LinZz0YvxevcuqhTmKUnENpEZv?usp=drive_link



Oi, eu sou o caju!
este pedaço é uma parte da flor! "pedúnculo floral"
a fruta do caju é esta parte! Daqui sai a castanha
Cajueiro
Anacardium occidentale
origem: Nordeste Brasileiro

Qual é o fruto do cajueiro (Anacardium occidentale)? O fruto mesmo é a castanha, cuja amêndoa (que conhecemos como castanha-de-caju) está dentro. Comemos a amêndoa depois de um processo trabalhoso de torra da castanha, pois só assim conseguimos remover a amêndoa de dentro da castanha.

Dimas Carvalho

MARCOS GUITO - Qual foi o momento que você se viu como poeta e escritor?

Dimas Carvalho - Foi muito cedo, viu Marcos, muito cedo. Criança tem muitos sonhos, criança vive num mundo mágico, né? Ela acredita que pode voar, ela acredita que tem super poderes, ela acredita num mundo invisível, e eu tinha assim, para profissão do futuro, eu tinha três sonhos, eu sonhava com três coisas, jogar futebol porque eu jogava bola todo dia, né... e era é bom no futebol de salão, eu jogava aqui pelo colégio, e ganhei o campeonato cearense, nordestino, ... eu era bem magrinho eu sonhava em ser jogador de futebol. E sonhava também em ir para a Marinha Brasileira porque eu tinha um tio que já faleceu e ele era da Marinha, ele mostrava aqui para a gente, uns álbuns das viagens ao redor do mundo, de navios, aquela farda branca, muito bonita....

quando ele vinha ao Ceará, vinha aqui em casa, aí eu dizia, vou ser marinheiro. e aí eram duas opções, a terceira opção era ir para as letras que acabou prevalecendo. E nesta decisão, a grande influência foi o meu avô, Nicodemos Araújo que era o escritor daqui. E moro aqui, na Praça da Matriz, Praça Antônio Tomás, o que muito me honra.
Eu me sinto muito orgulhoso de morar aqui, na Praça Antônio Tomás, príncipe dos poetas cearenses e saindo daqui da minha casa e atravessando a praça, para o outro lado da rua dos poetas, ele morava. Eu fazia esse percurso todo dia e lá quando eu chegava, ele estava com um amontoado de livros, datilografando na sua maquininha de datilografia. Ele tinha uma Renner e depois uma Olivett e claro, como disse Aristótoles "o homem é um animal que aprende por imitação". Uma criança aprende, vendo o que os adultos fazem, principalmente com os amigos, familiares e vizinhos, né?
Então eu ficava vendo o meu avô escrevendo e comecei pegar livros da biblioteca dele e ele estimulava e ele começou a comprar livros para mim. Eu comecei a estudar aqui no Colégio Virgem Poderosa das irmãs Marianas, aqui também na Praça da Matriz e lá tinha uma biblioteca fantástica, enorme, Biblioteca Nossa Senhora de Fátima, então eu tive essa oportunidade.
Infelizmente poucas pessoas do Brasil, menos ainda do Nordeste e muito menos do Ceará, tem: Eu cresci numa floresta encantada de livros.....